



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**

**CURSO DE JORNALISMO**

**LEONARDO MAIA RIBEIRO AUGUSTO**

**ENTREGUES - UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

**FORTALEZA**

**2020**

LEONARDO MAIA RIBEIRO AUGUSTO

**ENTREGUES - UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

Relatório apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Prof. Dra. Kamila Fernandes.

**FORTALEZA  
2020**

LEONARDO MAIA RIBEIRO AUGUSTO

**ENTREGUES - UMA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA**

Este relatório foi submetido ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

A citação de qualquer trecho deste relatório é permitida desde que feita de acordo com as normas da ética científica. Relatório apresentado à Banca Examinadora:

---

Prof. Dra. Kamila Bossato Fernandes (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas (Membro)  
Universidade Federal do Ceará

---

Daniel Neves Bezerra Lima (Membro)  
Diretor da Associação de Ciclistas Urbanos de Fortaleza (Ciclovida)

**FORTALEZA**  
**2020**

## AGRADECIMENTOS

Fazer esse documentário foi algo mais desafiador do que eu imaginei durante as primeiras aulas de Epistemologia e Comunicação, disciplina do curso de Jornalismo da UFC em que começamos a pensar no que fazer no TCC. Aos poucos entendi que encarar os percalços do caminho também faz parte da experiência. Lidar com o inesperado é função de todo documentarista, como já dizia Penafria (2001), e as adversidades do percurso fizeram tudo ficar ainda mais enriquecedor. Os passos finais nos últimos meses, diante de uma pandemia, com certeza foram mais leves com apoio de tanta gente, que esteve ao meu lado — ainda que à distância. A todos que contribuíram de alguma forma para que eu pudesse chegar até aqui, meu muito obrigado!

A minha mãe, Regina Maia Ribeiro, que esteve ao meu lado desde sempre, me apoiando em cada decisão tomada durante a vida. Os primeiros passos na universidade foram difíceis, mas suas palavras de incentivo foram fundamentais para que não desistisse da jornada e chegasse até esse momento. Me sinto honrado em saber que sempre poderei contar contigo, em momentos bons ou ruins.

A minha família, que sempre acreditou na minha capacidade. Os encontros, sempre acolhedores e amorosos, dão mais sentido à vida.

A Marília Freitas, que está na minha vida há pouco mais de dois anos e me faz tanto bem. Passar os dias ao teu lado é algo indescritível, a vida parece mais leve com tua presença. E muito obrigado por ter sido peça tão fundamental na construção desse TCC. Os dias que saímos juntos para gravar imagens e as conversas quase diárias sobre os dramas do trabalho contribuíram para manter a esperança na construção de um bom trabalho.

A minha orientadora, Kamila Bossato, que me ajudou a clarear o caminho durante a produção. Sua paciência em orientar cada passo e as várias conversas, especialmente durante o período mais crítico da pandemia, fizeram com que eu conseguisse confiar no meu potencial e não desistisse.

Ao Marcelo Monteiro, que também me orientou na produção do documentário no início do projeto e me fez refletir sobre as possibilidades proporcionadas pela linguagem audiovisual.

Aos meus amigos, que tanto me ajudaram na produção deste documentário, direta ou indiretamente. Em ordem alfabética: Ana Rita, Ana Victória, Anthenor, Bruno, Gustavo, Lilian, Mateus, Nilton, Pedro Victor, Rodrigo, Sofia e Tiago.

Aos colegas de graduação, que também já viraram amigos para a vida, pelas conversas e experiências durante todo o curso. Em ordem alfabética: Arthur, Catalina, Gabriela, Juliana, Marcos Victor e Yohana.

Aos profissionais do jornal O Povo, que durante dois anos confiaram em mim e me ajudaram a entender um pouco melhor o que é jornalismo. Em especial: Juliana, Sara, Érico, Mariana, Fernando, Gabriela e Nathally.

Aos colegas do Grupo de Práticas e Estudos em Jornalismo Audiovisual (Gruppe/UFC) por me fazer aprofundar e me apaixonar ainda mais por conteúdos jornalísticos em audiovisual.

A todos os professores, servidores e profissionais terceirizados do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Viva a universidade pública e de qualidade!

Aos meus entrevistados, sem os quais a realização desse trabalho não seria possível: André, Brenda, Felipe, Jaime, Luís, Saulo e Vanessa. Obrigado por terem confiado em mim para falar sobre suas histórias. Vocês fizeram com que eu acreditasse nas minhas ideias e serão sempre lembrados.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>CONTEXTO.....</b>	<b>8</b>
<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>10</b>
<b>ESCOLHA DO FORMATO.....</b>	<b>11</b>
<b>PROCESSO CRIATIVO.....</b>	<b>12</b>
<b>DECUPAGEM, ROTEIRO E EDIÇÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>IMAGEM E SOM .....</b>	<b>17</b>
<b>EMBALAGEM.... ..</b>	<b>18</b>
<b>DIVULGAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>19</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>	<b>20</b>

## INTRODUÇÃO

A mobilidade urbana de uma metrópole pode parecer algo secundário a primeira vista. Ir de um lugar para outro de uma cidade pode parecer algo banal, um mero detalhe que se perde no cotidiano. Essa percepção, no entanto, desaparece quando as estatísticas, e até mesmo o empirismo, é considerado. Basta consultar alguém que antes gastava mais de 1 hora para realizar o mesmo trajeto que agora leva 20 minutos. Ou ainda, observar a redução de quase 45% da incidência de doenças cardiovasculares entre ciclistas, segundo estudo de 2017 da *British Medical Journal*<sup>1</sup>.

Minha percepção para isso começou no fim do ano de 2014, quando Fortaleza começava a contar com as primeiras estações de bicicletas compartilhadas. Poder rodar a cidade em duas rodas me fez refletir sobre as relações de cada modal com as metrópoles. É inegável, apesar dos avanços em relação à malha ciclovitária, que Fortaleza ainda é uma Capital que privilegia os veículos automotores em detrimento de formas de mobilidade ativa — bicicleta e caminhada. Um terço dos deslocamentos são realizados por veículos automotores, segundo dados preliminares da Pesquisa Origem-Destino, coletados em 2019 pela Prefeitura em 23 mil domicílios da Capital<sup>2</sup>.

E o lugar de cada modal não se apresenta apenas no deslocamento, mas também nas relações trabalhistas — foco de análise deste projeto. A bicicleta surge como uma ferramenta de trabalho acessível para parte considerável da população. Isso acontece tanto pelo preço reduzido no mercado, como à cultura existente do uso da bicicleta entre a população, especialmente as classes socioeconômicas com menor poder aquisitivo. Em estudo realizado em 2005 na cidade de Pelotas (RS)<sup>3</sup>, por exemplo, constatou-se que menos de 30% dos ciclistas trabalhadores da cidade gaúcha eram das classes A ou B.

Em Fortaleza, o trabalho por meio da bicicleta ficou ainda mais evidente com a chegada de aplicativos de entrega, como Ifood, Uber Eats e Rappi. Ver ciclistas com mochilas nas costas, levando comidas ou outros produtos de um lado para outro, tornou-se comum na Cidade. Esses trabalhadores, vinculados de forma autônoma a plataformas de entrega, passam

---

<sup>1</sup> Disponível em <<https://www.bmj.com/content/bmj/357/bmj.j1456.full.pdf>> Acesso em: 16 out. 2020.

<sup>2</sup> Disponível em

<<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/07/15/deslocamentos-por-bicicleta-em-fortaleza-cresceram-70--desde-2016--aponta-pesquisa.html>> Acesso em: 16 out. 2020

<sup>3</sup> Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/csp/v21n5/23.pdf>> Acesso em: 16 out. 2020

a integrar um universo já existente de trabalhadores ciclistas — como vendedores ambulantes e entregadores de lojas de água. É importante diferenciar os trabalhadores que usam a bicicleta para se deslocar ao trabalho e aqueles que têm a bicicleta como ferramenta de trabalho. Esse último é o foco do documentário apresentado neste relatório.

Impossível não citar ainda a pandemia do novo coronavírus, que deixou mais evidente a presença destes trabalhadores, especialmente os que são cadastrados em aplicativos. A relação com as plataformas motivou protestos em todo Brasil, conhecidos como “Breque dos Apps”. A atividade pautou inúmeras pesquisas acadêmicas e ganhou espaço na mídia tradicional. Apenas no mês de maio deste ano, 42 mil brasileiros graduados e pós-graduados trabalharam como entregadores de mercadoria, de acordo com levantamento feito com base na pesquisa Pnad-Covid19, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Por meio de relatos desses trabalhadores, registrados tanto antes como durante a pandemia — em consonância com todos os cuidados sanitários recomendados pela autoridades competentes — consegui compreender um pouco melhor de suas rotinas, muitas vezes tão castigadas. Luís, Vanessa, Jaime, Saulo e André podem parecer numericamente poucos, mas suas histórias são enormes. Os cinco deram vida ao documentário *“Entregues - Uma História de Resistência”*, que se propõe a acompanhar o cotidiano daqueles que tiram seu sustento de vida a partir de cada giro do pedal.

## CONTEXTO

Entender como as pessoas percorrem a cidade, seja para necessidades pessoais ou por razões trabalhistas, começa com a definição do conceito de mobilidade urbana. Construir vias adequadas e que priorizem um deslocamento democrático entre todas as classes socioeconômicas é um ponto fundamental para um processo de consolidação de uma sociedade justa e igualitária.

As cidades tem como papel principal maximizar a troca de bens e serviços, cultura e conhecimentos entre seus habitantes, mas isso só é possível se houver condições de mobilidade adequadas para seus cidadãos. Neste sentido, a mobilidade é um atributo associado à cidade, e corresponde à facilidade de deslocamento de pessoas e bens na área de mobilidade urbana. A mobilidade traduz as relações dos indivíduos com os demais indivíduos que integram a sociedade (MINISTÉRIO DAS CIDADES apud COSTA, 2008, p. 33).



Um dos principais problemas de grandes cidades, além de congestionamentos intermináveis e lotação em transportes públicos, são as adversidades ambientais, conforme explicam Vasconcellos *et al.* (2011). Os autores ressaltam que, apesar de avanços na indústria nacional para emissão de menor quantidade de poluentes, o problema da poluição atmosférica continua grave, devido ao uso excessivo de transportes automotores individuais. A situação é “expressa pelos prejuízos da população em geral e dos idosos e crianças, em particular” (Vasconcellos *et al.*, 2011, p. 13).

Nessa perspectiva, a bicicleta entra como um aliado importante para soluções de problemas de mobilidade. Incentivar o uso do modal de forma abrangente é capaz de mudar dinâmicas de deslocamento, por diferentes vertentes. Já é possível identificar isso em exemplos internacionais, de acordo com Rodrigue *et al.* (2006):

Em alguns países, particularmente a Holanda, a bicicleta é um importante modal de transporte. É um tipo de transporte que não agride o meio ambiente e é saudável para aquele que a conduz. Mas em cidades que são dependentes de veículos automotores, a bicicleta não compartilha a estrada facilmente com caminhões e carros. Criar uma cultura de maior uso da bicicleta requer um planejamento expressivo, como a criação de malha cicloviária e bicicletários (tradução nossa) (RODRIGUE *et al.*, 2006, p. 251).

Esse incentivo deve ser realizado em diferentes campos: seja para aqueles que desejam apenas se deslocar por lazer, os que querem cumprir trajetos diários e os que desejam usar a bicicleta como ferramenta de trabalho. Esse último caso, o qual me debruço nessa produção, também foi objeto de dissertação de Larissa Schwedersky (2019), na Universidade Federal de Santa Catarina. A socióloga, que denominou esses trabalhadores como “ciclo-entregadores”, considerou as peculiaridades entre aqueles que trabalham com o modal em Florianópolis:

Ao falar em ciclismo urbano, imediatamente imaginam-se diferentes grupos de ciclistas que podem ser vistos diariamente pedalando pela cidade: os que congestionam as ciclovias num domingo ensolarado pedalando junto de seus familiares em ritmo leve e descontraído; aqueles super equipados com todos os tipos de apetrechos que se pode imaginar e que costumam treinar nas rodovias, controlando ritmo, velocidade e até mesmo os batimentos cardíacos; os ciclistas de roupa social indo ao trabalho numa segunda-feira pela manhã; os que vão à feira com cestinhas cheias de frutas e verduras; os senhores mais velhos com suas barra-forte enferrujadas, entre muitos outros. E em meio a todos esses temos também os ciclo-entregadores: sempre apressados e ágeis, atravessam o trânsito e a cidade carregando as mais diversas encomendas dos mais variados jeitos (Schwedersky, 2019, p. 31).

Outro ponto também relevante, e inesperado, no espaço onde esse trabalho está inserido é a pandemia do novo coronavírus. Os entregadores ciclistas acabaram sendo uma peça fundamental para a nova dinâmica de isolamento social da sociedade, iniciada em março de 2020 em Fortaleza e com efeitos até o momento de publicação deste relatório (outubro de 2020), ainda que em menor escala. A produção acadêmica disponível até o momento, mesmo que incipiente, analisa o cenário sob perspectivas distintas, como a visão de Silva (2020):

Esses trabalhadores exercem sua atividade sob as normas da empresa, recebem por produtividade aquilo que a empresa determina (sem deixar claro quais são os critérios para a determinação dos preços) e assumem todos os custos da prestação de serviços. Milhões de motoristas, motociclistas, ciclistas e trabalhadores de outros ramos já se renderam a essas empresas e se submetem a uma relação de trabalho que se mostra ainda mais cruel em uma situação pandêmica como a que estamos vivendo (SILVA, 2020, p. 3).

Com essas informações, é possível imaginar parte das dificuldades que os entrevistados do documentário enfrentam em seu cotidiano de trabalho, ainda que cada um tenha sua particularidade. A relação com a mobilidade urbana, secundária para a maior parte das pessoas, é uma realidade muito frequente para esses trabalhadores. Eles precisam lidar com uma Capital que segue desenhada majoritariamente para deslocamentos por veículos automotores, apesar de avanços recentes consideráveis, como a ampliação da malha cicloviária e a expansão do serviço de bicicletas compartilhadas.

## **OBJETIVOS**

### **- Principais**

- Compreender e divulgar as dificuldades das pessoas que usam a bicicleta como ferramenta de trabalho, especialmente nos novos modelos de negócios;
- Fazer um documentário sobre o uso da bicicleta para trabalho na Cidade de Fortaleza, a partir da história de vida de trabalhadores;
- Sensibilizar empresas e o poder público para a necessidade de regulamentação desse tipo de trabalho.

### **- Secundários**

- Traçar diferentes perfis de pessoas que usam o modal como ferramenta de trabalho no dia a dia;
- Incentivar uma reflexão da forma de trabalho entre os próprios trabalhadores — entrevistados ou não;
- Dialogar com pesquisadores e cicloativistas sobre a situação desse tipo de trabalho;
- Reunir dados que possam ajudar a compreender a situação enfrentada pelos trabalhadores ciclistas;
- Contribuir para a criação de documentários cearenses, especialmente em ambiente universitário.

## **ESCOLHA DO FORMATO**

Sempre gostei de audiovisual, mas nunca achei que essa é minha melhor habilidade em Jornalismo. Consigo sentir-me mais seguro em textos escritos e até em produções de rádio. Desde que pensei neste tema, no entanto, não conseguia imaginar o resultado diferente de um documentário. O trânsito e a presença da bicicleta nele é uma coisa contada com maior precisão através de imagens. O espaço que o modal não motorizado ocupa na rua em relação a carros particulares é um exemplo disso, assim como o contraste de intermináveis filas de carros parados com a bicicleta se deslocando livremente na ciclofaixa no bordo da via. Não conseguia enxergar forma de isso se materializar de forma tão fidedigna através de palavras ou apenas sons. Então, resolvi topar o desafio e começar a produção de um documentário.

Outro ponto para escolha do formato audiovisual é a maior possibilidade de internacionalização do material, por meio de legendas e da possibilidade de usar serviços populares de hospedagem de vídeos, como o Youtube, disponível em parte significativa do mundo. A relevância do material, que aborda realidade também presente em outros países, pode ser um ponto de partida para discussão das relações trabalhistas com os aplicativos nesses lugares, ainda que aconteçam em condições distintas.

Na graduação, tive algumas experiências com o formato, que serviram como guia em todo o processo de produção, desde a escrita do projeto à edição final, passando pela captação e criação do roteiro. Além de trabalhos em disciplinas, consegui aprender muita coisa com o Grupo de Práticas e Estudos em Jornalismo (Gruppe), que acompanhou minha formação entre o quarto e o sétimo período. O acompanhamento do trabalho de outros documentaristas, tanto

colegas de curso como profissionais já consagrados no mercado, também me ajudaram a confiar que construiria um trabalho satisfatório.

A pretensão ao produzir um documentário é transmitir a ideia do realizador sobre determinado assunto (Penafria, 2001). Para isso, é possível contar com elementos dramáticos e narrativos para construção da trama, que apresenta semelhanças e diferenças com uma produção ficcional. Ainda que a produção de um documentário conte com alguns elementos que se aproximam mais de uma “situação real” — como a não direção de atores — é fundamental não interpretá-lo como um recorte da realidade, como explica Penafria:

O documentário é, como vimos, uma obra pessoal. O documentarista não deve ser visto apenas como um meio para transmitir determinada realidade. A partir do momento em que se decide fazer um documentário, isso constitui já uma intervenção na realidade. É pelo facto de seleccionar e exercer o seu ponto de vista sobre um determinado assunto que um filme nunca é uma mera reprodução do mundo. É impossível ao documentarista apagar-se. Ele existe no mundo e interage com os outros, inegavelmente (PENAFRIA, 2001, p. 7).

A busca pela objetividade jornalística, no entanto, é uma das principais diferenças entre um bom filme documental e tramas ficcionais (Souza, 2009). Ouvir vozes diferentes e contraditórias deve estar na mira do diretor, ainda que alguns dos depoimentos coletados fiquem de fora da versão final do filme. Além disso, não construir o documentário com base em um jornalismo declaratório, quando apenas a fonte sustenta toda o conteúdo veiculado (Gonçalves, 2018), é fundamental para a produção de um material mais consistente.

Em relação ao tipo de documentário, de acordo com as classificações de Nicholls (2005), resolvi adotar o modo observativo. Dessa forma, o cineasta busca registrar a vida “no momento em que ela é vivida”. Ainda que a presença da câmera possa modificar o comportamento das pessoas, a intenção é registrar o modo de vida dos entrevistados, especialmente suas interações sociais. Em relação às implicações éticas, resolvi registrar esses momentos somente com autorização dos entrevistados e não tirá-los de contexto, a fim de não parecer ao espectador que sejam “bizarros ou exóticos”, como observa Nicholls (2005):

As pessoas comportam-se de maneira que se matize nossa percepção a respeito delas, para melhor ou para pior, a fim de satisfazer um cineasta que não diz o que quer? O cineasta procura outras pessoas para representar porque elas possuem qualidades que podem fascinar os espectadores pelas razões erradas? Essa pergunta geralmente vem à tona no filme etnográfico, que observa, em outras culturas, comportamentos que podem, sem a contextualização adequada, parecer exóticos ou bizarros, como se fossem parte de um "cinema de atrações" e não científico (NICHOLLS, 2005, p.148).

## PROCESSO CRIATIVO

No fim do Ensino Médio, minha relação com a mobilidade urbana ganhou novas cores. No fim de 2014, reaprendi a andar de bicicleta, com o serviço de bicicletas compartilhadas de Fortaleza, o Bicicletar. Andar com o modal me fez estabelecer uma relação diferente com a cidade e acompanhou a fase da minha vida em que comecei a ter mais independência para me deslocar sem intermédio de terceiros.

Entrar na faculdade foi uma oportunidade para ampliar as discussões sobre o modal, por meio da abordagem do tema em diferentes produtos ao longo da graduação e de conversas com colegas de curso que também usam a bicicleta como meio principal de deslocamento. Além disso, acompanhar a cobertura diária de mobilidade urbana e até analisar o cenário na Capital em artigos de opinião foram possibilidades durante o meu estágio de cerca de dois anos, na editoria *online* do jornal O Povo.

Quando comecei a pensar no meu Trabalho de Conclusão de Curso, resolvi que queria fazer algo sobre a bicicleta que pudesse dialogar com a sociedade em geral — motivo esse para adotar um trabalho prático e não uma monografia. Inicialmente pensei em fazer uma websérie, com três episódios, em que abordaria a bicicleta usada como forma de transporte, lazer e trabalho. Ao longo do caminho, no entanto, decidi escolher apenas um desses temas para me aprofundar e, desse modo, fazer um documentário mais consistente.

A escolha das relações trabalhistas, em que a bicicleta é usada como ferramenta de trabalho, me pareceu a escolha com mais necessidade de debate e novas produções, devido especialmente à ascensão dos aplicativos de entrega e as inúmeras questões que acompanham esse processo. Os relatos de longas jornadas de trabalho e da relação conflitante entre plataformas e entregadores me fez querer compreender melhor o que acontecia neste tipo de trabalho.

A partir disso, comecei a pesquisar e iniciei pré-entrevistas tanto com especialistas como com entregadores. Resolvi ainda me cadastrar nos aplicativos disponíveis e realizar algumas entregas, como uma tentativa de entender melhor o que acontecia. Em um primeiro momento, tive dificuldades para encontrar personagens para o documentário, muitos não se sentiam à vontade para aparecer na câmera, mas persisti. Tentei alternar um pouco as táticas que estava utilizando para abordar os trabalhadores: passei a procurá-los diretamente em seus lugares de trabalho e não pela internet, como estava fazendo.

O primeiro a topar dar entrevista foi Luís Castro. Encontrei o homem em um domingo de manhã, quando fui à avenida Beira Mar para fazer imagens de apoio. Logo de cara, tive uma quebra de expectativa. A forte religiosidade de Luís me assustou em um primeiro momento e fiquei receoso se a história dele poderia ser útil para o documentário. Mesmo assim, resolvi marcar uma entrevista, que acabou entrando no material final. Nesse ponto, aprendi a não ficar tão apegado às ideias iniciais e moldar o curso do documentário também levando em conta a experiência de cada entrevistado.

A seguir, conheci Vanessa e Jaime seguindo a estratégia que adotei — indo a seus locais de trabalho e explicando o que estava fazendo. No caso de Jaime, a abordagem foi mais tranquila, pude acompanhar o trabalho dele e sua equipe no dia em que o conheci e entrevistá-lo após isso. Com a Vanessa, porém, a entrevista foi mais difícil. Cheguei a ir algumas vezes no local onde ela aguardava os pedidos e fomos conversando. Senti que aos poucos fui ganhando sua confiança. Como falei, o trabalho na apuração foi mais custoso devido a esse “medo” da câmera.

Em paralelo, fui trabalhando para captar imagens de apoio e acompanhar a rotina de outros trabalhadores, tanto na relação com colegas de trabalho como no processo para realizar a entrega. Destaco nesse momento a possibilidade de registrar imagens enquanto os seguia de bicicleta. Esse ângulo de filmagem serviu tanto para imagens de apoio como para a construção da introdução que antecede o título do documentário.

Como vários setores da sociedade, em certo ponto da produção do documentário também tive que lidar com os efeitos da pandemia do novo coronavírus. E esse foi o momento que observei saltarem as semelhanças entre o Cinema e o Jornalismo, quando “a pauta vira”, como aponta Souza (2009):

Se ele não estava previsto, é preciso fazer dele um elemento que, mesmo que desconstrua o roteiro inicial, possa contribuir para a narrativa. A graça do documentário é a surpresa, é voltar para casa com um filme não planejado, como já afirmou João Moreira Salles. E nessa direção jornalismo e documentário, muito mais do que oponentes, podem travar um rico e produtivo diálogo (SOUZA, p. 169, 2009).

A partir de então comecei a ter uma noção de que meu documentário constituiria um elemento histórico, dado o relevante momento que vivemos. Decidi, portanto, tornar a pandemia uma protagonista do documentário. Como linha de frente, os entregadores foram

uma das classes que mais sentiram a pandemia, muitas vezes sem a ajuda necessária por parte das plataformas que são vinculados.

Com a decisão, resolvi fazer algumas imagens de apoio durante o mês de abril, mostrando ruas vazias e o trabalho dos entregadores. Em maio, porém, com a ascensão do número de casos e óbitos da pandemia em Fortaleza, decidi não sair de casa e aguardar a melhoria dos índices para continuar a produção. Na segunda quinzena de junho voltei a fazer imagens e no mês seguinte gravei entrevistas com trabalhadores que realizaram entregas durante a pandemia (Saulo e André) e o especialista (Felipe).

Busquei ainda evidenciar as condições do momento da pandemia na linguagem do documentário. Isso aconteceu com a realização de uma entrevista à distância, além de imagens de apoio obtidas por meio de captura de tela do computador. Em ambos casos, resolvi manter elementos do navegador, como o campo da URL e os favoritos, para ressaltar a necessidade de manter o isolamento social sempre que possível.

Ainda sobre a pandemia, decidi não fazer o acompanhamento que fiz com os personagens anteriores durante esse momento de crise. A ideia era reduzir o tempo que permaneceria com eles e sempre tomando os cuidados principais: uso de máscara (exceto por parte do entregador durante a entrevista, se ele se sentisse confortável para isso), distanciamento social e álcool em gel.

Em relação ao número de personagens, resolvi não incluir muitos, mas com perfis diferentes. O objetivo foi conseguir me aprofundar, ainda que de forma breve, na vida de cada um. Tinha também a ideia de que não gostaria de um documentário tão longo, para possibilidade de acesso de um maior número de pessoas.

Para as entrevistas, elaborei um pré-roteiro, em que defini perguntas em comum para cada entrevistado. Pensava previamente também em perguntas que se encaixariam apenas para aquele personagem e fazia novas perguntas com base em suas respostas. A intenção, ainda que isso tenha acarretado em mais trabalho no processo de decupagem, era deixar cada entrevistado à vontade para falar e fazer todas suas considerações. O local das entrevistas foi escolhido em um ponto adequado (para captação de imagem e som) próximo de onde cada personagem trabalhava, deixando-os mais confortáveis para falar.

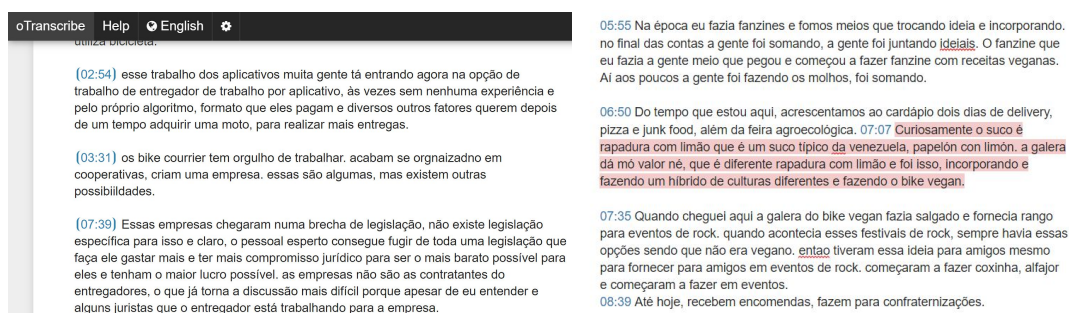
O título do documentário — *Entregues: Uma História de Resistência* — surgiu da análise da relação entre os personagens e as plataformas responsáveis pela administração dos aplicativos. Penso que eles estão trabalhando como reféns de todas as regras das empresas

(valor da entrega, bloqueios não justificados, atendimento precário etc.), mas não se resignam e tentam resistir de alguma forma, com os movimentos durante a pandemia, por exemplo.

## DECUPAGEM, ROTEIRO E EDIÇÃO

Assim como as entrevistas, resolvi tomar tempo adequado para realizar a decupagem, tanto das imagens de apoio como das entrevistas. Escrevi toda a conversa com os entrevistados, incluindo a parte que pensava que não entraria no documentário. Essa foi uma forma de tentar compreender melhor os personagens e ter uma noção mais completa do material que tinha disponível. Tanto que para isso, não considerei a possibilidade de ajuda de outras pessoas, como recebi em fases posteriores da produção.

Para realizar as transcrições com mais de agilidade, usei o site gratuito “Otranscribe”, que permite pausar, retroceder e avançar o áudio com atalhos do teclado, assim como inserir o tempo que o arquivo está. Após isso, copiava todo o texto para o Google Docs, que salva os arquivos em nuvem, e destacava com a ferramenta de marca-texto o que considerava mais relevante para a produção.



Capturas de tela do site “Otranscribe” e Google Docs, respectivamente, após o processo descrito

O roteiro do documentário foi elaborado para criar uma conexão entre o material captado durante a pandemia — que ganhou papel de protagonista no filme — e as entrevistas feitas antes do período de crise na saúde. Isso foi possível porque os problemas enfrentados anteriormente seguiram durante a pandemia, mas foram somados às condições sanitárias.

O filme foi dividido em algumas partes, de acordo com os temas de cada entrevista. Evitei seguir uma sequência totalmente lógica para que o documentário não ficasse previsível. Além da divisão implícita por blocos, os dados estatísticos apresentados foram importante



ferramenta para criar divisões no documentário, assim como as cenas em que se captura momentos fora de entrevistas. Para demarcar o início e o fim o filme, resolvi utilizar o rádio e inserts da rádio EBC. A intenção foi apresentar o momento em que o documentário se passa e mostrar o protagonismo que a classe teve na grande mídia.

Para escrever o roteiro usei o modelo de tabela, dividindo em duas colunas: imagem e som (em anexo no fim do relatório). Inseri informações detalhadas dos pedaços de entrevistas e já especificando quais imagens de apoio entrariam no documentário. Inevitavelmente, o processo de edição contou com algumas modificações, que puderam ser visualizadas apenas quando a montagem foi feita.

Para a edição usei o programa Adobe Premiere Pro 2019 e contei com duas telas. Em uma delas usava o software de edição e na outra deixava o roteiro, agilizando dessa forma o processo de localização dos arquivos e montagem. A escolha do programa da Adobe para edição ocorreu devido a experiências prévias de edição durante a graduação e a disponibilidade de uma quantidade considerável de conteúdo de comunidade para resolução de problemas, inclusive em português.

Fiz a primeira versão do documentário por conta própria, o que facilitou fazer as mudanças que achava necessário. Para uma segunda versão, contei com ajuda de dois amigos: Mateus Lotif, graduando de Cinema da UFC, e Gustavo Lima, graduando de Publicidade e Propaganda da UFC. Os dois me ajudaram, respectivamente, nos ajustes da edição de vídeo (correção de cor, regulagem de som etc.) e na criação de uma identidade visual para o documentário.

No processo de edição, fizemos correções básicas no volume dos áudios e nos níveis das imagens. Utilizamos ainda a ferramenta do Premiere “estabilizador de distorção”, que permitiu deixar imagens tremidas com movimento mais fluido. Para a criação da identidade visual, também foram usados os programas Adobe Illustrator e Adobe After Effects. As cores que guiam os elementos visuais do filme são o vermelho e branco, que correspondem às ciclofaixas de Fortaleza. Em relação à tipografia, foram usadas apenas fontes não serifadas, para uma melhor leitura. São elas: Roboto, Modern U e Bebas.

## **IMAGEM E SOM**

Para gravação de imagens usei quatro câmeras, sendo duas DSLRs e duas de ação. São elas: *Canon SL2*, *Canon T5i*, *GoPro Hero 3* e *Xiaomi Mijia 4k*. A primeira foi comprada especialmente para a produção, a segunda foi emprestada pelo Grupo de Práticas e Estudos em Jornalismo Audiovisual (Gruppe/UFC) e as outras duas foram emprestadas por amigos. Para estabilização de imagens usei ainda um tripé e um adaptador da GoPro para acoplar na bicicleta.

As duas primeiras câmeras foram usadas durante as entrevistas e para imagens de apoio. No momento das entrevistas, a intenção era usar sempre duas câmeras, em que uma delas ficaria fixa no tripé e a outra poderia ter mais liberdade para capturar detalhes do entrevistado e ângulos mais próximos, como acabou entrando em alguns momentos da produção. Para articular quem poderia me ajudar com a manipulação dessa segunda câmera, criei um grupo no aplicativo *Telegram* com amigos que têm experiência com a captação de vídeo.

As outras duas câmeras foram usadas para imagens com movimento, especialmente as que foram capturadas por meio da bicicleta. Por meio dessas, foi possível ter uma maior noção de como a bicicleta se insere no trânsito e interage com outros veículos maiores. Todas foram capturadas por mim, seja seguindo entregadores ou apenas circulando pela cidade.

Para captação de áudio usei o gravador *Tascam DR-05* e um microfone de lapela cujo modelo não consegui identificar. Para capturar o áudio dos entrevistados, conectei o microfone de lapela no celular e gravei o áudio para posterior sincronização com o vídeo gravado. Para realizar esse processo usei dois recursos: palmas no momento da gravação (para facilitar a identificação das ondas de som) e por meio da ferramenta “Mesclar clipes” do *Premiere*.

Com o gravador de áudio, capturei áudio ambiente para usar durante o documentário. Inicialmente estava usando o áudio da câmera para representar esses momentos, mas a produção ganhou em qualidade quando fiz essa mudança, visto que em muitos momentos o documentário segue seu curso com esse tipo de áudio e sem trilha sonora. A ideia foi trazer os sons da cidade, tão presente na vida dos personagens, também para dentro do documentário.

## **EMBALAGEM**

Mesmo com a ascensão das plataformas de streaming e o consumo de filmes quase exclusivamente online, resolvi elaborar uma mídia física para o documentário. A ideia é que o filme não se perca em links na internet e possa ser conservado por mais tempo por aqueles que tiverem acesso ao DVD.

Para elaborar a arte, também contei com a ajuda do Gustavo Rodrigues. Usamos a mesma identidade visual do documentário, seguindo as mesmas fontes e cores já citadas anteriormente. A ideia é que a capa lembre uma bolsa de aplicativo, tanto de forma externa como internamente (a parte prateada das bolsas, usada para conservar a temperatura dos produtos).

## **DIVULGAÇÃO**

Após apresentar o documentário para defesa do TCC, pretendo divulgá-lo por meios diferentes. Localmente, pretendo conversar com instituições locais que tenham diálogo com trabalhadores e representem ciclistas na Cidade para fazer exposições públicas (ainda que virtuais, em um primeiro momento). Há ainda a intenção de apresentá-lo para parlamentares da Câmara de Vereadores e da Assembleia Legislativa. Nessas duas casas, há projetos de lei que questionam as condições trabalhistas vividas por trabalhadores vinculados aos aplicativos e acredito que o filme pode contribuir para sensibilização dos políticos para a urgência de discutir o tema.

Desejo ainda concorrer a premiações tanto locais como nacionais. Alguns exemplos são o Prêmio de Jornalismo da Prefeitura, o Festival Nóia e o Expocom. Como uma tentativa de espalhar o documentário para ainda mais lugares e públicos, quero inserir legendas em inglês em todo o documentário e criar uma versão com participação de um intérprete de libras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Fazer um documentário é, sem dúvidas, uma forma de deixar uma marca no mundo. A transmissão de determinado ponto de vista, como defende Penafria (2001), é a razão de esse tipo de produção existir. Importante lembrar, porém, a responsabilidade que se tem quando está atrás da câmera. Defender um ponto de vista não significa desrespeitar ou falsear sujeitos

que também integram a mesma história, mas pensar em formas de abordagem que coloquem o relato de certo grupo como protagonista, no centro da produção.

Na produção deste documentário, minha intenção foi essa. Sentia que os relatos desses trabalhadores ficavam marginalizados na cobertura da grande mídia. Souza (2009) ressalta o caráter dos documentários em abordar o que os veículos midiáticos deixaram passar, considerando que não entraria nos chamados “valores-notícia”.

São informações que ficam à margem, mas que têm um papel decisivo para o enriquecimento da história a ser contada pelo documentário. Seria ingênuo pensar que os documentaristas fazem os filmes para costurar as arestas deixadas pelo jornalismo, mas, indiretamente, eles acabam cumprindo esse papel quando procuram transcender o campo noticioso. (SOUZA, p. 164, 2009)

Inevitável afirmar que há técnicas jornalísticas para produção de um documentário, mas esse produto pode ainda representar uma crítica para a cobertura midiática diária. Um exemplo disso é o filme “O Processo”, dirigido por Maria Augusta Ramos. A obra aborda o período de impeachment da presidente Dilma Rousseff e critica a encenação midiática da política, como defendem Negrini *et al.*:

O Processo chama especialmente atenção ao destacar o protagonismo das imagens midiáticas no contexto em que o golpe foi deflagrado, enfatizando a produção dessas imagens. O longa-metragem sobressai os bastidores da defesa e da acusação político-jurídica de Dilma Rousseff, revelando o trabalho da imprensa e dos sujeitos ocupados em disseminar imagens nas redes sociais (NEGRINI *et al.*, 2020).

Ainda que *Entregues: Uma História de Resistência* não tenha críticas tão claras à cobertura midiática, sinaliza que precisamos ficar atento às vidas desses trabalhadores, ainda que eles não se encaixem no que deve ser noticiado diariamente. Consumir e produzir documentários é lembrar que temas que ficam fora da grande mídia, por inúmeras razões, não são menos importantes para a sociedade e precisam ser lembrados.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Marcela da Silva. **Um Índice de Mobilidade Urbana Sustentável**. Tese (Doutorado) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

GONÇALVES, Eveline Regina. **Telejornalismo na Cibercultura: a incidência do jornalismo declaratório nas tvs de campina grande e sua operacionalidade através do whatsapp**. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11249/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

NEGRINI, Márcio Zanetti *et al.* A encenação midiática da política no filme O processo. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 14, n. 3, p. 182-198, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/40556/26179>. Acesso em: 16 out. 2020.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário**. Campinas: Editora Papirus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. **O ponto de vista no documentário**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - BOCC, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em: 16 out. 2020.

RODRIGUE, Jean-paul *et al.*, **The Geography of Transport Systems**. Londres: Routledge, 2006.

SCHWEDERSKY, Larissa. **Habilidades, Técnicas e Movimento: Uma Abordagem Ecológica dos Ciclo-entregadores de Florianópolis - SC**. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/352I3Zd>. Acesso em: 16 out. 2020.

SILVA, Pedro Henrique Isaac. O MUNDO DO TRABALHO E A PANDEMIA DE COVID-19: UM OLHAR SOBRE O SETOR INFORMAL. **Cadernos de Administração**, Maringá, v. 28, p. 66-70, out. 2020. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53586/751375150138>. Acesso em: 16 out. 2020.

SOUZA, Gustavo. Fronteiras (in)definidas: aproximações e divergências entre documentário e jornalismo. **Doc On-Line**, São Paulo, n. 6, p. 158-172, ago. 2009.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara de *et al.* **Textos Para Discussão Cepal • Ipea: transporte e mobilidade urbana**. Brasília: Ipea, 2011. 76 p. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1373/1/TD\\_1552.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/1373/1/TD_1552.pdf). Acesso em: 16 out. 2020.

## ANEXO - ROTEIRO

IMAGEM	ÁUDIO
Sintonizando rádio (a produzir)	Efeito sonoro - rádio ligando + rádio 1 (0:11)

	<p>- 0:26) <i>É permitido sair de casa apenas para compra de alimentos ou remédios, para atendimentos de saúde ou para trabalhar em serviços que permanecem liberados. E quem estiver fora de casa, tem que usar máscara.</i></p> <p><i>O Isolamento Social Rígido em Fortaleza segue até o dia 20 de maio.</i></p>
prédio + rua vazia (0:00 - 0:07)	
ciclofaixa rua vazia + depósito (0:00 - 0:05)	
bicicleta passando sozinha - corta pessoa (0:00 - 0:05)	
bicicleta + bag rappi paradas (visao lateral) (0:00 - 0:04)	rádio 1 (0:50 - 0:57) ===
fábio primeiro plano - fala um pouco, aponta e mostra o companheiro (0:09 - 0:13)	
entregadores sentados chão farmácia foco bicicleta 3 (0:05 - 0:10)	<p>rádio 2 (0:20 - 0:46) <i>O Ceará abriu 463 novos leitos de Terapia Intensiva nos últimos 45 dias, um aumento de 63% do número de UTIs da rede pública.</i></p> <p><i>Mesmo assim, 93% deles estão ocupadas no estado, chegando a 98% de ocupação na capital.</i></p> <p><i>O Ceará tem a segunda maior incidência de mortos por habitantes do país, perdendo apenas para o Amazonas.</i></p>
entregador chegando drogasil (0:04 - 0:10)	
entregador passa de costas santos dumont (0:00 - 0:08)	
ângulo chão ciclista mulher (0:00 - 0:04)	
fabio detalhe maos 2 (0:03 - 0:09)	
BLACKOUT + Brasão UFC	

<p>+</p> <p>GC1: Esse documentário foi gravado durante o pandemia do novo coronavírus e respeitou as medidas de segurança sanitária preconizadas por especialistas da saúde.</p> <p>+</p> <p>GC2: Em memória às vidas e histórias perdidas com a doença.</p>	
<p>saulo aguarda pedido + sai (0:00 - 0:08)</p>	<p>Antes de aparecer a imagem sobe som da rua, do vídeo.</p>
<p>saulo aguarda pedido close (0:11 - 0:18)</p>	<p>No fim do vídeo começa som da sonora</p>
<p>Imagem Sonora Saulo</p> <p>+</p> <p>comunicado entregadores restaurante (0:10 - 0:14)</p> <p>+</p> <p>saulo recebe pedido + guarda na bag + sobe na bike (0:00 - 0:14)</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista 2.1 - 7:40 ~ 7:53</p> <p>GC: Saulo Sales, entregador</p> <p><i>bom lembro que não época da pandemia eu não folguei nenhum dia, lembro que foi todos os dias, uns dois meses trabalhando segunda, terça... de segunda a domingo, de domingo a domingo trabalhando.</i></p>
<p>Montagem título</p>	
<p>Imagem sonora Saulo</p> <p>+</p> <p>alcool em gel ifood close (0:00 ~ 0:05)</p> <p>+</p> <p>saulo higieniza bag (0:05 ~ 0:10)</p> <p>+</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista 2.1 - 2:30 ~ 3:12</p> <p><i>durante a pandemia para o cara poder fazer as entregas tranquilo teria que ter mais, no começo, de cautela dos aplicativos. faltou isso e os aplicativos começaram a dar máscara, alcool em gel, começaram a dar esse tratamento que o entregador precisa quando a pandemia estava em um estágio avançado, quando estava chegando a matar e tudo nas regiões do país. a gente foi visado, mas acredito que foi visado tarde,</i></p>

<p>saulo pedalando (um pouco tremida) - 0:04 ~ 0:10</p>	<p><i>correu muito risco antes</i></p>
<p>Imagem sonora andré</p> <p>+</p> <p>andré mexe no app + bikes passam ao fundo (0:00 ~ 0:11)</p> <p>+</p> <p>andré mexe app close (0:00 ~ 0:08)</p>	<p><b>SONORA ANDRÉ</b></p> <p><b>GC:</b> André Palhano, entregador e funcionário público</p> <p>entrevista 1 - 14:33 ~ 14:55</p> <p><i>Claro que eu fiquei preocupado, porque eu cheguei em alguns prédios aqui de fortaleza, em alguns condomínios que o porteiro deixou claro: olha tem gente aqui dentro que tá com corona. eu fui entregar na piedade que uma menina que veio me atender tava totalmente coberta, com corona, ela falou: olha, eu to com corona. eu tive que entregar e tal, entreguei para ela e pronto.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA SAULO</p> <p>+</p> <p>grupo entregadores pandemia (entregador passando alcool em gel) [0:04 ~ 0:12]</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevistas 2.1</p> <p>5:16 ~ 6:12</p> <p><i>nessa questão de alcool em gel até o povo ficava cobrando essa questão da higienização tanto nas mãos como na bag, mas a gente não tinha esse adapt para a gente ter os aplicativos na nossa questão. a gente também não ia tirar do bolso para comprar algo para utilizar. nas primeiras semanas, talvez no primeiro mês de pandemia não houve isso, não houve esse cuidado, esse cuidado começou a ser tomado quando começou a matar a galera, o povo entendeu que realmente era sério e os aplicativos começaram ajudar a gente, correr atrás, entender que a gente era importante para a sociedade, no sentido da entrega, de levar o alimento até o povo.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA ANDRÉ</p>	<p><b>SONORA ANDRÉ</b></p>



<p>+ andré fecha bag [0:00 ~ 0:08]</p> <p>+ andré anda na rua close bicicleta + desvia de carro (0:02 ~ 0:07)</p>	<p>entrevista 1 - 14:58 ~ 15:22</p> <p><i>Mas eu não me preocupei inicialmente, eu não vou pegar o corona, vou levar para casa. Claro que quando chegava em casa eu tomava as precauções, deixava a roupa e tal, para não passar para minha filha e minha família em nada. Mas para quem entregador, a gente sai despreocupado com tudo, se a gente for sair com medo de doença, assalto, morte... ninguém vai viver, ninguém vai trabalhar</i></p>
<p>IMAGEM SONORA SAULO</p> <p>+ entregador máscara passa ciclofaixa santos dumont</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista 2.1 - 3:43 ~ 4:20</p> <p><i>um domingo gerava demais. a gente via um domingo gerar muito, a gente tava vendo os aplicativos morrerem. começou a tocar bastante, a gente começou a fazer várias entregas por conta da pandemia. foi algo ruim, mas olhando desse ponto de vista do trabalho e bicicleta ajudou demais a gente. por mais que a gente tivesse correndo risco ajudou muito na questão financeira.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA ANDRÉ</p>	<p><b>SONORA ANDRÉ</b></p> <p>entrevista 1 - 15:28 ~ 15:48</p> <p><i>tem entregadores que pegaram, até onde eu sei os que pegaram foram sintomas leves. e os aplicativos todos tem um seguro que ofereceram para quem pegasse fornecesse os laudos né, por uma central de atendimento. eles davam todo o custo, com medicamento e tudo.</i></p>
<p>Mudar resolução para mostrar que não é um conteúdo do documentário</p> <p>+ GCs - Vídeo disponível em xx/xx/xxxx no canal do youtube da empresa</p>	<p>propaganda ifood + propaganda uber eats</p>

<p>+</p> <p>GCs - Explicar que não há outros vídeos Brasil</p> <p>+</p> <p>GCs - Traduzir intenção do vídeo do Uber Eats</p>	
<p>IMAGEM SONORA SAULO</p> <p>+</p> <p>saulo tomando água [0:00 ~ 0:04]</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista 2.1 - 8:21 ~ 8:44</p> <p><i>a questão do aplicativo olhar para o entregador e entender que o entregador é um trabalhador, que o cara tá ali todo dia nos aplicativos porque ele precisa do valor, precisa do dinheiro. ninguém vai baixar um aplicativo no celular, comprar uma bag, para sair no meio da rua dizendo que gosta de trabalhar daquilo, óbvio. se você pudesse ter um trabalho melhor você teria.</i></p>
<p>câmera POV (a partir de 9-25 acompanhamento ciclista [a partir de 16 min])</p> <p>+</p> <p>GC1: 42 mil brasileiros graduados e pós-graduados trabalharam como entregadores de mercadoria apenas no mês de maio deste ano</p> <p>Fonte: IBGE</p> <p>GC2: As taxas mínimas pagas por entrega dependem de cada aplicativo e variam entre R\$ 3,50 e R\$ 5,00</p>	<p><b>trilha sonora:</b></p> <p><b>birds - silent partner</b></p>
<p>IMAGEM SONORA VANESSA</p> <p>+</p> <p>entregadores sentados, vanessa unica em pé. ela caminha e senta próximo a camera</p>	<p><b>SONORA VANESSA</b></p> <p><b>GC:</b> Vanessa Régia, entregadora</p> <p>entrevista vanessa - 0:35 - 1:16</p>

<p>depois + Vanessa saindo (curto)</p>	<p><i>Bom, eu comecei porque eu tava no aperto e o como eu tinha visto muita gente trabalhando, eu nunca tinha visto mulher, mas aí eu botei a cara, me inscrevi e quando eu vi que aceitava rápido eu fui, comprei uma bicicletinha normal e fui na central do aplicativo, comprei a bag, comecei, foi do nada. eu vi, tava no aperto, foi aquela coisa que apareceu justamente para me ajudar, já que não tem trabalho formal tive que ir atrás do informal, porque é mais fácil.</i></p>
	<p><b>SONORA ANDRÉ</b></p> <p>entrevista 1 - 0:38 - 1:00</p> <p><i>A ideia de utilizar a bike como ferramenta de trabalho é uma ideia antiga, porque como eu sempre fui ciclista... a ideia quando apareceu e eu vi a primeira pessoa passando de aplicativo com a bolsa nas costas eu pensei por que não, né? até mesmo como complemento de renda, como fonte de renda.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA + saulo jogando celular</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista 2.1 - 17:05 - 17:23</p> <p><i>Trabalhar de autônomo com os aplicativos é complicado no sentido de se dividir um pouco para a família, se dividir um pouco para ser pai, ser marido, mas também tenho que ser entregador porque senão não vou ter dinheiro. olhando nessa questão é muito complicado o cara tentar se dividir.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA + Câmera 2</p>	<p><b>SONORA VANESSA</b></p> <p>entrevista vanessa 4:06 ~ 4:28</p> <p><i>Minha rotina é acordar cedo, ir deixar o filho no colégio, tenho que botar ele para dormir para poder vir, senão eu não venho, ele não deixa. eu fico aqui, geralmente eu chego três, quatro, até 11 horas da noite, quando tá bom a gente fica até meia noite ou mais.</i></p>

	<p>vídeo vanessa (respiro) - vanessa conversa (tomara que seja perto e grita para o celular - eu vou embora (0:00 - 0:23))  <b>[LEGENDADO]</b></p>
<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+</p> <p>luz piscando entregadores</p> <p>+</p> <p>vanessa ri, conversa com outro entregador</p>	<p><b>SONORA VANESSA</b></p> <p>entrevista 4:57 - 5:17</p> <p><i>mas é difícil, você sair de casa, deixar seu filho às vezes chorando, às vezes pedindo para eu ficar, é muito difícil conciliar essa vida de mãe e trabalho informal, porque eu não tenho hora para chegar e nem hora para sair, é muito difícil.</i></p> <p>entrevista 5:36 - 5:55</p> <p><i>O povo não respeita muito a mulher, tem gente que julga, muita gente que deu muita força no começo. Eu passava e "olha nunca vi uma mulher", "que lindo, muito bem, parabéns, você é uma guerreira"</i></p> <p>entrevista 6:07 - 6:20</p> <p><i>Para homem é perigoso, mas para mulher é muito mais, porque é meio frágil né, só que eu sou frágil não!</i></p>
<p>vanessa e amiga 2</p> <p>+</p> <p>vanessa faz high five com outro entregador + interage com outro</p> <p>(desfocar imagens para mostrar dados)</p> <p><b>GC1</b> - 96,4% dos entregadores são homens no Brasil</p> <p><b>GC2</b> - Cerca de 70% de todos os trabalhadores são negros, segundo o mesmo estudo.</p>	<p><b>trilha sonora</b> - Inspire - ASHUTOSH ·  <b>[Free Copyright-safe Music]</b></p>
IMAGEM SONORA	<b>SONORA FELIPE ALVES</b>

<p>+ entregadores no chão interagindo, um dá controle para outro</p> <p>+ entregador aguarda passagem + agradece</p> <p>+ entregador aguarda para cruzamento (ângulo próximo) VAI ENTRAR</p>	<p><b>GC:</b> Felipe Alves, integrante da Associação dos Ciclistas Urbanos de Fortaleza (Ciclovida) e diretor-financeiro da União de Ciclistas do Brasil (UCB)</p> <p>entrevista - 7:20 - 8:08</p> <p><i>Eu acho que tem algumas coisas, desde o formato de contratação a forma de pagamento, tem algumas coisas que deveriam ser melhor discutidas entre os empregadores e as empresas. Essas empresas chegaram numa brecha de legislação, não existe legislação específica para isso e claro, o pessoal esperto consegue fugir de toda uma legislação que faça ele gastar mais e ter mais compromisso jurídico para ser o mais barato possível para eles e tenham o maior lucro possível.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+ menor grupo conversando (um diz que perdeu dinheiro) som ruim</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista - 5:00 - 5:24</p> <p><i>No começo para colocar o aplicativo para gerar, eu e alguns colegas a gente costumava vir para cá de manhã bem cedo, tipo 7:30 8 horas, e voltar 10:30, 11 horas da noite. porque a gente não pode perder algum tipo do horário, porque teríamos que ficar o horário do almoço, da merenda e da janta. para poder ter essa rotatividade de entrega todos os dias</i></p>
<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+ Vanessa saindo (curto)</p>	<p><b>SONORA VANESSA</b></p> <p>entrevista - 3:08 - 3:32</p> <p><i>É muito ruim, você não sabe quanto vai receber, você faz uma coisa sem saber de nada, não vai ter férias, você que se quiser tira suas férias, mas muita gente não tira porque é daqui que sai a renda. porque quem trabalha em um emprego formal recebe o dinheiro das férias. aqui a gente tem que correr atrás do dinheiro.</i></p>

<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+</p> <p>entregadores sentados chão farmácia (ângulo aberto)</p>	<p><b>SONORA ANDRÉ</b></p> <p><b>entrevista - 2:00 - 2:30</b></p> <p><i>Que é um erro do entregador novo achar que vai entrar e começar a ganhar dinheiro. Você entra, vai passar por um chá de cadeira, e depois vai começar a pegar a corrida. Até talvez uma maneira dos que bolaram o aplicativo terem uma garantia que tu vai ficar correndo, vai ter a permanência online. Daí eu comecei e tô até hoje, um ano e três meses e não tenho do que reclamar.</i></p>
<p>grupo entregadores pandemia (conversa entre entregadores - um fala que tem que cortar o cabelo) [0:20 - 0:40] <b>[LEGENDADO]</b></p>	<p>ÁUDIO VÍDEO</p>
<p><b>GC1:</b> A relação de trabalho com a bicicleta não se restringem apenas aos aplicativos. Cerca de 20% de todos os transportes de carga em Fortaleza são realizados por bicicleta, de acordo com dados preliminares da pesquisa Origem-Destino, realizada em 2019 pela Prefeitura.</p> <p><b>GC2:</b> A cultura da bicicleta está ganhando cada vez mais espaço na cidade. 5,1% de todos os deslocamentos na Cidade são feitos por bicicletas. O número é 70% maior do que foi registrado em 2016.</p>	<p>trabalhador bike tentando atravessar a rua</p> <p>+</p> <p>entregador - aplicativo e nao aplicativo (0:00 - 0:03)</p> <p>+</p> <p>entregador não app desvia de carro</p>
<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+</p> <p>recebe pagamento barraca do coco + ajeita a bike + vem até a câmera</p> <p>+</p> <p>placa vende-se dindin cremoso (a partir de 0:05)</p>	<p><b>SONORA LUÍS CASTRO (Subir áudio antes de aparecer imagem)</b></p> <p><b>GC:</b> Luís Santos de Castro, vendedor ambulante</p> <p>entrevista 1 - 7:23 - 8:13</p> <p><i>É fácil? É não, meu irmão. Mas creia, somente creia em deus, porque o melhor ele faz em nossas vidas. Quem diria que um ex-presidiário passou 7 vezes dentro de uma</i></p>

	<p><i>cadeia, sofreu e deus fez uma mudança totalmente ali, naquela pessoa. Eu enfrentei muitas coisas dentro da cadeia, eu enfrentei a morte, eu enfrentei meus inimigo. E hoje Deus ta dizendo aqui, eu te botei na liberdade pra tu fazer a diferença, porque antigamente lá dentro eu fazia o que o inimigo queria. Eu roubava as pessoas pelo telefone, aí Jesus disse assim: eu vou te botar é lá fora pra tu pregar meu evangelho. Antes tu fazia o que era mal, agora tu vai fazer o que é de bem.</i></p>
<p>Transição segunda sonora Preparando caixa de som com música</p> <p>+</p> <p>arruma caixa de som + anda de bike de costas + música dindin do amor (a partir de 0:40</p>	<p><b>SONORA LUÍS CASTRO</b></p> <p><b>entrevista 1 - 6:33 - 6:46</b></p> <p><i>Enquanto não arrumar um emprego bom, vou continuar aqui trabalhando seja o que deus quiser. Se deus me der um emprego bom de carteira assinada eu posso até aceitar.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA</p>	<p><b>SONORA LUÍS CASTRO</b></p> <p><b>entrevista 1 (final) + entrevista 2 (0:00 - 0:09)</b></p> <p><i>Então assim, as pessoas gostam porque o din din é gostoso, e é gostoso mesmo, nunca vi um din din tão mais gostoso do que o meu</i></p>
<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+</p> <p>maior close - galera comendo</p> <p>+</p> <p>atendimento</p> <p>+</p>	<p><b>SONORA JAIME CHANG</b></p> <p><b>Jaime Chang, 33, comerciante oficial - 6:50 - 7:26 (tempo do áudio)</b></p> <p><i>Do tempo que estou aqui, acrescentamos ao cardápio dois dias de delivery, pizza e junk food, além da feira agroecológica. 07:07 Curiosamente o suco é rapadura com limão que é um suco típico da venezuela, papelón con limón. a galera dá mó valor né, que é diferente rapadura com limão e foi isso,</i></p>

<p>jaime pegando dinheiro</p> <p>+</p> <p>estande afastada (um pouco tremida e um pouco escura</p>	<p><i>incorporando e fazendo um híbrido de culturas diferentes e fazendo o bike vegan.</i></p> <p><b>Jaime Chang, 33, comerciante oficial - 8:52 - 9:03 (tempo do áudio)</b></p> <p><i>tudo é feito de bike, a gente faz a feira de bike, o mercado de bike, tudo é feito de bike. desde as compras até a locomoção do produto da feira e tudo</i></p> <p><b>Jaime Chang, 33, comerciante oficial - 9:15 - 9:40 (tempo do áudio)</b></p> <p><i>A gente tomou essa decisão porque esse é o nosso meio de transporte que a gente tem acesso, a bike, além de ser econômico e ser movido por propulsão autônoma. a gente adotou esse meio de transporte para fazer as compras, fazer o delivery, para tudo.</i></p>
	<p><b>SONORA BRENDA ROZENDO</b></p> <p><b>GC: Brenda Rozendo, 25, vegana, ciclista urbana e estudante universitária</b></p> <p><b>brenda rozeno, 25, estudante (0:21 - 0:34)</b></p> <p><i>o veganismo vai muito além do fato de você não consumir animais, produtos de origem animal, mas ser o menos impactante possível. e andando de bicicleta, você está mais de acordo com a proposta.</i></p>
<p>reprodução/instagram + vídeo enviado</p>	<p><b>SONORA JAIME</b></p> <p>entrevista - 12:10 - 12:36</p> <p><i>Quando é delivery, que são os dois dias, de pizza e junk food, o pessoal liga e a gente entrega imediatamente, de bike. só que o raio de entrega para bicicleta é de até sete quilômetros para bicicleta é de até sete quilômetros, porque indo e voltando esse é o raio que a gente consegue atender sendo de bicicleta</i></p>



<p>entregador passando ciclofaixa + congestionamento ( a partir de 0:05)</p>	<p><b>SONORA FELIPE ALVES</b></p> <p>entrevista - 10:22 - 11:35</p> <p><i>muitos dos deslocamentos da cidade poderiam ser feitos de bicicleta, se for por uma pessoa saudável, horário... nesse caso das entregas eu acho que também poderia acontecer isso, se voce tem uma entrega que na minha opiniao não é razoável de dez quilometros ou mais, acho que não razoavel voce pedir uma comida que fique mais de 10 quilometros de sua casa, ela deveria ser feita de moto. se for uma distancia menor, ela deveria ser feita de bicicleta, porque isso beneficia a cidade como um todo. desde a menor chance de ocorrer qualquer acidente ou qualquer coisa do tipo com o entregador, até questão de poluição, do ar, sonora. menor custo em diversas coisas.</i></p>
<p>entregador passa no fim do vídeo (com foco no asfalto) - a partir de 1:03</p>	<p><b>SONORA LUÍS CASTRO</b></p> <p><b>entrevista 1 - 12:06 - 12:38</b></p> <p><i>É complicado a pessoa hoje em dia andar no meio do trânsito e logo de bicicleta. Os carros muitas vezes dizem que a bicicleta não respeita os carros, mas é os carros que não respeita a gente. Ai dificil, a gente não entende quem é que tá errado e quem é que tá certo. Só quem vai dizer quem tá certo é só aquele lá de cima. As pessoas fazem as coisas e dizem que tá certo, que é o dono do mundo, não concordo com esse tipo de pessoa.</i></p>
<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+</p> <p>GRÁFICO NÚMERO INFRA CICLOVIÁRIA (PARA PRODUZIR</p> <p>+</p>	<p><b>SONORA ANDRÉ</b></p> <p><b>entrevista 1 - 4:30 - 5:10</b></p> <p><i>Tenho até um elogio a esse governo municipal porque ele investiu bastante em ciclovias e isso para um ciclista é maravilhoso, apesar que tem algumas</i></p>

<p>PRINT NOTÍCIA MORTES CICLISTA</p>	<p><i>estragadas, mas é uma coisa que dá para se resolver. Então hoje Fortaleza tem sim condição de dar condições de trabalhar de bicicleta. Claro que tem avenidas estreitas como a treze de maio, por exemplo, que você pode a chance de morrer numa avenida dessa é grande, como morreu um ciclista amigo meu que não era entregador, trabalhava comigo na repartição, que um ônibus na João Pessoa passou por cima da cabeça dele. Ele pegou desvencilhou, caiu, aí o ônibus pá. são duas avenidas curtas, que não tem espaço para cicilista</i></p>
<p>IMAGEM SONORA</p> <p>+</p> <p>Câmera POV (a partir de 1 min chega cicilista - a partir de 1:00</p> <p>+</p> <p>ciclista sai de ciclofaixa para desviar de moto (possível usar em trecho de desrespeito)</p>	<p><b>SONORA VANESSA</b></p> <p><b>entrevista 1 - 10:20 - 11:33</b></p> <p><i>Pessoal não respeita a gente, a gente pode tá na mão certa, mas tem carro que entra de uma vez ou abre a porta. Eu já me taquei na porta de um carro e ainda saí como errada. a mulher falou as coisas dizendo que eu era a culpada, que eu tava vindo rápido. Mas eu tava na ciclofaixa e ela parou na ciclofaixa e disse que eu estava errada. Eu tive que manter a calma, serenidade que eu não tenho e tive que entregar a comida da pessoa, porque se não eu ia me estressar com a mulher...</i></p> <p><i>é estressante demais, vocês não tem noção, o pessoal não respeita. ônibus, carro, o que for, não respeita bicicleta, do mesmo jeito que não respeita o pedestre não respeita quem anda bicicleta, a gente tem que andar com cinco olhos, mesmo tando na mão certa você tem que tá bem atento, porque qualquer coisa é um acidente. e a gente que sai ileso, porque eles geralmente fogem e a gente que fica lá no prejuízo.</i></p>
	<p><b>SONORA FELIPE ALVES</b></p> <p><b>entrevista 11:36 - 12:00</b></p>

	<p><i>aqui em fortaleza você poderia dizer que há algum estímulo da prefeitura para as pessoas pedalam, porque tem muita implantação de infraestrutura, mas não tem nenhum estímulo nesses ramos de entregas. desde empresas que utilizassem mais ciclistas ou empresas que só utilizassem ciclistas poderiam receber algum estímulo a mais da prefeitura.</i></p>
estatísticas número de acidentes	
<p>GC1: No dia 1º de julho deste ano, os profissionais fizeram uma manifestação nacional, conhecida como Breque dos Apps</p> <p>GC2: Entre as principais reivindicações, os trabalhadores lutam por uma tabela mínima de preços para o serviço e o fim dos bloqueios sem justificativa das plataformas</p>	
<p>entregador recebe pedido + guarda na bag</p> <p>[Opção para captar - entregador no supermercado]</p> <p>entregador arruma bolsa + pega bicicleta + aguarda para entrar na rua + parte para entrega (a partir de 0:50)</p>	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista 2.1 - <b>11:28 - 12:11</b></p> <p><i>os protestos, a maioria foi ocasionado desse tipo de envolvimento com o s entregadores. eles tavam acabando vendo os entregadores de qualquer forma, vou mandar tres entregas, quatro entregas e deixa fazer. A gente chegava nos mercantis, porque o ifood agora trabalha com mercantil, chegava nos supermercados e era compra de 100, 200 reais para colocar dentro de uma bagzinha dessas. três compras de três clientes diferentes para colocar em uma bag de 42 litros, que num tem condição. acaba que queira ou não prejudica a gente. meu isopor já é novo, eu tive que trocar. eu fiz uma entrega que era do mercantil e quebrou a lateral. foi um prejuízo meu e o ifood arcou? não.</i></p>
	<p><b>SONORA ANDRÉ</b></p> <p>entrevista 2 - 0:30 - 0:44</p>

	<i>Por uma questão de taxa, eu concordo realmente, alguns aplicativos como a Uber e a Rappi paga mal, muito mal.</i>
	<p><b>SONORA VANESSA</b></p> <p>entrevista - 9:27 - 9:42</p> <p><i>O auxílio que presta é só quando tá com uma entrega na mão. Se alguma coisa depois de ter feito a entrega não dá em nada. você fica ali e pronto.</i></p>
	<p><b>SONORA SAULO</b></p> <p>entrevista 2.1 - 0:11 ~ 0:19</p> <p><i>é dependência total dos aplicativos. se mandar a gente trabalha, se não mandar a gente fica aqui.</i></p>
Imagens breque dos apps	<p><b>revista brasil - entregadores param</b></p> <p><b>0:00 - 0:46</b></p> <p><i>entregadores de aplicativo de todo o brasil estão cruzando os braços contra condições precárias de trabalho de toda a categoria. As principais demandas dos chamados breque dos apps são o aumento da taxa por quilômetro percorrido, o aumento do valor mínimo por corrida e o fim de bloqueios sem justificativa, além do recente pedido por mais proteção e segurança nessa pandemia do novo coronavírus. A gente tem visto aí que os entregadores de aplicativo tem sido uma pessoa essencial nessa quarentena. o comércio fechado, a busca por aplicativo e comida aumentou muito.</i></p>
[INFORMAÇÕES ATITUDES EMPRESAS]	
créditos + encerramento	

